

No lugar certo e na hora certa. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Olegário da Silva Neto era um rapaz trabalhador que tinha um sonho desde pequeno: ser motorista de ônibus. Morava no interior de São Paulo e, com 15 anos, começou a trabalhar com o pai, Francisco, na mercearia de um vizinho da família. Aos 18, passou pelo exército e decidiu fazer concurso para ser policial militar, ele queria dirigir viatura. Tirou carteira de habilitação B e aprendeu a “pilotar” um camburão (como o veículo era apelidado naquele tempo). Ele ficou por 1 ano na corporação.

Um dia, chegou em casa e disse aos pais:

- Para mim, chega! Não volto mais para a polícia. - E assim fez.

Francisco e a mulher, Etelvina, jamais entenderam a saída do filho da corporação. Sempre que perguntavam, Neto mudava de assunto e nunca respondia o que de fato havia acontecido. Parecia ser um segredo que morreria com o rapaz.

Com 21 anos, ele se mudou para São Paulo (capital) à procura de um emprego melhor e começou a trabalhar em um grande supermercado no departamento de transporte, mas ainda perseguia o sonho de se tornar motorista de ônibus coletivo. Era fim dos anos 70. Tratou logo de tirar a carteira para a categoria “E” com uma reserva que tinha na Caderneta de Poupança.

Com 6 meses de “casa”, já era coordenador de todo o transporte de carga da empresa. Um dia, um colega de trabalho faltou de serviço e ele precisou ficar no setor de faturamento e ali aprendeu a emitir notas fiscais.

Uma jovem senhora, muito bonita, chegou ao setor e pediu a retirada de alguns produtos. Ela passou a Neto os dados da empresa e ali o rapaz não perdeu tempo, foi direto ao ponto quando viu o uniforme dela:

- Vejo que a senhora deve ser funcionária da Júpterbus, por causa do seu uniforme...

- Acha mesmo que sou funcionária da empresa? Eu tenho cara de funcionária? - Disse dando uma leve risada de deboche.

- Desculpe, senhora. Eu queria dizer que...

- Eu não sou funcionária, na verdade, é meu marido que é dono da empresa, mas por que a pergunta?

- É que meu sonho sempre foi ser motorista de ônibus...

- Verdade?

- Sim, mas nunca tive a oportunidade. Eu tenho até a carteira “E”, mas o emprego que consegui aqui na capital foi nesse supermercado. E eu não tenho experiência como motorista de coletivo... A sua nota está aqui senhora.

- Qual é seu nome, rapaz?

- Olegário Neto, mas pode chamar só de Neto. É como as pessoas me conhecem por aqui.

- Sou Catarina Mendes. Faz uma coisa?

- O quê, senhora?

- Me procure amanhã na empresa. Esse é o endereço.

- Infelizmente, nessa semana não tem como. Um colega está licença por acidente de trabalho e preciso cobrir os dias de falta dele até na sexta...

- Quer uma oportunidade ou não, garoto?

- Eu quero, sim senhora. Mas por favor, poderia ser segunda-feira? Hoje é quarta já! - Disse o rapaz meio sem graça por achar que a mulher era funcionária da empresa.

- Tudo bem, rapaz, te espero na segunda cedo!

Neto não se continha de tanta felicidade, mas resolveu não contar em casa... Aquilo poderia não ser verdade e como faria para desmentir depois?

Na segunda-feira, saiu de casa cedo, com a desculpa de que não estava se sentindo bem e foi direto para a sede da empresa.

- Pois não, rapaz, em que posso ajudá-lo? - Disse a recepcionista.

- Meu nome é Olegário e estou procurando Dona Catarina. Ela me espera.

- Tem certeza de que procura a senhora Catarina? Ela não deixou recado nenhum em nome do senhor. - A recepcionista olhou o rapaz simples de “cima em baixo” e respirou fundo.

O jovem se sentiu incomodado com aquilo e rebateu educadamente:

- Desculpe a insistência, mas fala com ela que sou o Neto, com quem ela conversou no supermercado na semana passada...

A moça muito sem graça, respondeu:

- Ah, sim... Meu Deus, mas você é um menino! - A recepcionista soltou uma enorme gargalhada. O senhor Carlos aguarda você na sala dele. Não vai acreditar nisso, mas você quase deu um problemão aqui na empresa...

- Mas por quê? Dona Catarina quem me pediu para procurar ela aqui. Eu nunca a vi na vida... - Disse o rapaz sem entender o que estava acontecendo.

- Ela falou tanto em você que o senhor Carlos achou que ela estava traindo ele. Quanta bobagem, meu Deus. - A moça encaminhou Neto para a sala de Carlos.

- Bom dia, senhor Carlos! Sou Olegário da Silva Neto...

- Meu Deus do Céu. Mas você é um menino! E eu brigando com Catarina por um garoto! Neto não sabia onde punha a cara tanta vergonha:

- Me desculpa senhor, eu não queria causar problemas...

- Você não vai acreditar meu rapaz, mas a Catarina encheu a minha cabeça por sua causa. Não me deixou dormir desde quarta-feira. Era só o seu nome que aparecia lá em casa...

- Desculpe de novo, senhor, mas eu nunca vi a sua mulher na minha vida. Não era nem para eu preencher aquela nota fiscal para ela, mas um colega faltou de trabalho e tive que fazer o serviço.

- Não, filho, tudo bem. Agora eu vi que foi um mal entendido... Espero que seja mesmo e você não se apaixone pela minha mulher.

- Longe de mim, senhor. Eu só queria uma oportunidade de...

- É que ela falava tanto de você, te elogiava tanto que eu pensei: essa diaba dessa mulher está me traindo na minha cara com alguém daquele supermercado. – Carlos caiu na risada. – Quanta idiotice minha!

- Eu vou embora, não quero atrapalhar a vida de vocês... Eu pensei que apenas pudesse ter uma oportunidade como motorista de coletivo. Esqueça que eu existo, senhor!

- Não, meu rapaz. - Ordenou o dono da empresa. - Volte aqui! O erro foi meu em não confiar na minha mulher. Vamos ao que interessa. Na verdade, eu não tenho vaga por enquanto.

- Tudo bem, senhor, eu entendo. Quem sabe um dia, né? O telefone da minha casa é...

- Mas a minha mulher pediu tanto, investigou a sua vida naquele mesmo dia lá no supermercado, praticamente levantou a sua “ficha” e descobriu até que passou no concurso da polícia...

- Por favor, não comento sobre a polícia. - Disse rispidamente, cortando o dono da Júpterbus.

- Bem, já que pretendemos trabalhar juntos, preciso que me responda uma coisa:

- Matou ou cometeu alguma infração grave na polícia?

- Não, senhor! O problema não foi comigo! Só prefiro que esse problema “morra comigo”.

- Tudo bem, tudo bem! Amanhã, você traga seus documentos aqui e vamos admitir você.

- Mas eu não tenho experiência... E o meu trabalho no supermercado? São 6 meses...

- Você quer o emprego de motorista de coletivo ou não, garoto?

- Ora, mas com certeza! – Disse Neto com veemência.

- Então, se vira e esteja aqui às 10 horas da manhã no Departamento Pessoal! Prazer em te conhecer e não se fala mais nisso. Só mais uma coisa: Eu confiei na minha mulher e ela me garantiu que vocês não têm um caso, certo?

- Claro que não, senhor! - Respondeu o rapaz prontamente.

- Pois então, não me decepcione, garoto.

Neto saiu da sala e ainda ouviu, pelo corredor, Carlos ao telefone:

- Onde já se viu, mulher? Ele é só um garoto! Por que não me disse antes? Isso pouparia em muito as nossas brigas. Seja mais precisa da próxima vez. Tem mais! Eu confio em você, mas se me decepcionar com esse menino, você já sabe, né?...

O rapaz contrariou todas as expectativas negativas de Carlos, mas por muito ainda era “reconhecido” na empresa como o “casinho” da chefe. Ele, no entanto, tinha a consciência limpa de que nunca havia traído os donos da Júpterbus. Ele trabalhava honestamente. Por vários meses consecutivos, a empresa lhe concedeu o título de motorista destaque devido às centenas de elogios que recebia dos passageiros. Aquele “casamento” durou por mais de 20 anos e Neto somente saiu da Júpterbus, porque recebeu uma proposta para ganhar quase o triplo do seu salário na concorrente. Carlos não conseguiu cobrir a oferta e fazer o funcionário preferido de sua empresa aposentar ali na Júpterbus. Anos depois de se aposentar, o ex-motorista foi até a antiga empresa para rever seus “padrinhos de direção”. Porém, tudo já havia mudado... Os antigos donos já haviam falecido e os familiares mais próximos eram os novos gestores. Neto sentou na calçada em frente à empresa e fez uma rápida reflexão de vida: “Nada melhor do que estar no lugar certo e na hora certa, por isso eu cheguei até aqui!”.
